

A UPG EM PORTUGAL E ALGUMA COUSA MAIS

LUÍS GONÇALES BLASCO “FOZ”



A UPG EM PORTUGAL E ALGUMA COISA MAIS

1ª edição, setembro 2022

© Luís Gonçalves Blasco “Foz”

© 2022 AGAL

Santiago de Compostela (Galiza)

atraves@a.gal

www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-16545-75-9

DL: C 1362-2022

Coordenação editorial: Vítor Giadás

Correção linguística: Joana Palha

Diagramação e capa: Miguel Durão

Imprime: Sacauntos Cooperativa Gráfica, Santiago de Compostela

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

ÍNDICE

Prólogo | 11

Palabras para Foz | 15

0 Justificação e Agradecimentos | 17

1 A UPG e Portugal | 19

1.1 Antes do 25 de Abril | 19

1.2 A UPG E o 25 de Abril | 20

1.3 A UPG estabelece-se em Portugal | 29

1.3.1 As emissões radiofónicas | 34

1.3.2 A minha viagem a Portugal | 37

1.3.3 Atos no Porto | 39

1.3.3.1 As jornadas de cultura galega | 39

1.3.3.2 Comícios de setembro de 75 | 40

1.3.3.3 O grande comício / debate do Porto | 42

1.3.4 A UPG e as organizações portuguesas | 45

1.3.4.1 A UPG e o MDP-CDE | 45

1.3.4.2 A UPG e o PCP | 45

1.3.4.3 A UPG e a LUAR | 46

1.3.4.4 A UPG e o PRP | 47

1.3.4.5 A UPG e o MES | 50

1.3.5 A UPG nos jornais portugueses | 51

**2 Relações da UPG com outros partidos nacionalistas
não pertencentes à Carta de Brest | 57**

2.1 As relações com o Partido Nacionalista Occitano | 57

2.2 Outras relações occitanas | 61

2.3 As relações com a Front d'Alliberament Català | 67

2.4 As relações com a Nova Germania | 70

3 Relações da UPG com partidos espanhóis | 75

- 3.1 A UPG e o Partido Comunista de España (PCE)
- Partido Comunista de Galicia | 75
- 3.2 A UPG e os partidos espanhóis da esquerda radical | 77
 - 3.2.1 A Frente de Liberación Popular (F.L.P.) | 78
 - 3.2.2 O Partido Comunista Obrero Español
(P.C.O.E.) | 78
 - 3.2.3 Os partidos marxistas-leninistas | 81
 - 3.2.3.1 O Movimiento Comunista de España
(M.C.E.) | 82
 - 3.2.3.2 O Movimiento Comunista
(marxista-leninista)
de España (“El Comunista”) | 90
 - 3.2.3.3 O Partido Comunista de España
(marxista-leninista) (P.C.E. (M-L))
e o Frente Revolucionario
Antifascista y Patriota (F.R.A.P.) | 93
 - 3.2.3.4. A F.R.A.P. | 100
 - 3.2.3.5 A Organización Revolucionaria
de Trabajadores (O.R.T.) | 115
 - 3.2.3.6 Partido Comunista de España
(Reconstituído) (P.C.E.(R)) | 124

Anexo documental | 129

Organizações citadas | 133

Bibliografía | 137

Para Carme



PRÓLOGO

*Em terras, em todas as fronteiras
seja bem-vindo, quem vier por bem
bem-vindo seja, quem vier por bem
se alguém houver, que não queira
trá-lo contigo, também.*

“Traz outro amigo também”, José Zeca Afonso, 1970

Sem qualquer dúvida, a publicação do presente volume é motivo de alegria coletiva, para além da própria, como é natural, do seu autor. O amigo Luís Gonçalves Blasco esteve a trabalhar neste livro há anos e com ele fecha as suas pesquisas e memórias à volta da dimensão (e trabalho) internacional do soberanismo galego que a organização política galega em ativo mais longeva nos dias de hoje implementou, a Unión do Povo Galego (UPG), uma realidade que apenas ele tem abordado *in extenso* para o âmbito europeu.

Por volta de 2012, Foz apresentava o seu excelente livro *A política e a organização exterior da UPG (1964-1986)*, no qual, em quase mil páginas, realizou um esforço mais próprio de uma tese de doutoramento do que da elaboração de um livro de história. Um esforço que agradecemos aqueles e aquelas que nos dedicamos a trabalhar sobre a história política da Galiza (e, de certeza, ao público interessado na história da Galiza). Mas, naquela obra, ficou de fora, como ele nos tem referido em diversas ocasiões, a parte que, no texto original daquele volume, se centrava na presença e dinâmica política da UPG com/em Portugal. E não só, também ficaria de fora daquele livro as relações da UPG com organizações da esquerda real espanhola, na cronologia 64-86, assim como as relações deste partido com organizações políticas não assinantes da Carta de Brest, de vários países europeus, integradas na península ibérica. Como lembra

Gonçales Blasco, nas suas palavras introdutórias ao presente volume, esta monografia deriva daquelas páginas que ficaram de fora do referido livro, a partir de uma revisão profunda do já redigido há uma década, ampliando os dados e a análise dos mesmos para este novo livro.

Agradece-se notavelmente que se ponha o foco, na primeira parte deste livro, no caso português, numa experiência de enorme interesse que (diferentemente doutras relações políticas do nacionalismo galego que foram esmorecendo ou, quando menos, perdendo intensidade) continua, na atualidade, a ter uma força considerável (ainda que não na intensidade desejada), representando uma significação qualitativa e simbólica de primeiro nível.

Em resumo, o volume apresenta um olhar privilegiado da história política da Galiza contemporânea, em tempos do tardofranquismo e da Transição, dada a implicação política do seu autor na cronologia na qual se centra, num tempo em que ainda era possível (e tanto) dar lugar à ‘rutura democrática’, na qual apostou o soberanismo galego, nomeadamente a Unión do Povo Galego e o Partido Socialista Galego, cristalizando aquela posição no Conselho de Forças Políticas Galegas, desde a sua criação, a inícios de 1976, à qual se somariam o Partido Social-Demócrata Galego, o Movimento Comunista de Galicia e o Partido Carlista de Galicia, dando lugar às *Bases Constitucionais*. Privilegiado olhar e perspetiva que achega Luís Gonçalves Blasco, fundador, em 1964, da UPG, que nos transfere, por vezes, em primeira pessoa, a um relato, por vezes, especialmente formoso (dentro da dureza do contexto político referido), como sucede, por exemplo, na hora de dar conta das audições de peças musicais portuguesas antisalazaristas que, graças às relações de Foz com um estudante antifascista português, eram feitas nalgumas casas da Compostela universitária da altura, peças entre as quais figuraria *Os Vampiros*, de José Afonso e, originalmente, o trabalho *Baladas de Coimbra* (1963), sendo, provavelmente, a primeira vez que a voz de Zeca se socializou entre aquela militância galega antifranquista e soberanista.

E graças ao privilegiado olhar (e conhecimento) que *Foz* partilha connosco, a leitora e o leitor podem conhecer profundamente a solidariedade (potente e formosa arma revolucionária) da militância antislazarista, nomeadamente comunista e socialista revolucionária portuguesa, que deu cobertura à militância nacionalista galega, que tivo que escapar da polícia franquista pelo seu firme compromisso democrático e patriótico galego, podendo a leitora e o leitor valorizarem o que significou o processo revolucionário português para as e os democratas galegos.

Só nos resta parabenizar *Foz* por dar lugar a esta obra e manter-se firme no mesmo ideário que o levou a militar no soberanismo galego há mais de seis décadas, militância que desenvolveu e desenvolve a partir de diversas formações e projetos, como exemplo de compromisso e luta a favor desta pátria negada (compromisso no qual se deve compreender o esforço intelectual que desenvolve nas suas rigorosas pesquisas sobre o próprio soberanismo galego).

Uxío-Breogán Diéguez Cequiel
Compostela, 25 de julho de 2022



PALAVRAS PARA FOZ

Em 2012, Luís Gonçalves Blasco Foz dava ao prelo a sua volumosa obra *A política e a organização exterior da UPG (1964-1986)*, primeira no seu género em abordar, em detalhe, e com uma sólida base documental, essa dimensão, até certo ponto oculta ou muito pouco conhecida fora dos círculos seletos de militantes, da mais relevante de entre as organizações constitutivas do nacionalismo galego do pós-guerra.

Da monografia publicada ficara de fora, no entanto, um considerável número de páginas que os responsáveis de Edicións Laiovento julgaram conveniente não incluírem para que o tamanho que, mesmo sem elas, ia tomar o estudo do Foz na sua tiragem definitiva e subsequente lançamento para o público, não se tornasse assustador demais. Mas, como nunca choveu que não escampasse, eis aí que são chegados os tempos para recompilar esse material, complementar do anterior, e dar-lhe saída através de uma nova publicação. E de que nos falamos essa quase meia centena de páginas que um dia ficaram órfãs? Pois, tal como o próprio autor assinala, na introdução, por uma parte das relações da UPG com partidos espanhóis situados à esquerda do PSOE; por outra das relações da UPG com partidos nacionalistas não signatários da Carta de Brest e, finalmente, da atuação da UPG em Portugal e as suas relações com organizações portuguesas.

Certamente, o estudo de 2012 não podia ficar completo sem este acréscimo que, como parte indissociável que é, surge caracterizado pela mesma exaustividade no manejo das fontes (bibliográficas, documentais e orais, em número amplíssimo) e pelo mesmo gosto pelo detalhismo na informação.

Dito isto, e visto que já me coube, no seu momento, a honra de prologar a edição supracitada, pouco ou nada me resta para acrescentar que seja dar os parabéns ao autor pelo lançamento

destoutro excerto da sua demorada pesquisa e convidar todas as pessoas interessadas e/ou envolvidas na trajetória do movimento de libertação nacional galego para acometerem a sua leitura.

Carlos F. Velasco Souto
Galiza, no mês de São João de 2022

0 JUSTIFICAÇÃO E AGRADECIMENTOS

Quando a editora Laiovento publicou o meu livro *Organização e política exterior da UPG 1964- 1986*, problemas editoriais fizeram com que uma parte do material que eu elaborara ficasse de fora. Este material consistia a) nas relações da UPG com partidos espanhóis, situados à esquerda do PSOE, b) nas relações da UPG com partidos nacionalistas não signatários da Carta de Brest) na atuação da UPG em Portugal e suas relações com organizações portuguesas. Esta última parte figurava parcialmente no livro antedito ao falar da Carta de Brest e da aliança da UPG com a ETA p-m e o PSAN (p), pois realizaram-se nesse país as mesmas atividades, procurando estender-me um pouco nesses temas para que a ausência de Portugal não fosse tão escandalosa. Neste livro, os capítulos a) e b) são rigorosamente inéditos e o c) tem pouco a ver com as pequenas referências feitas no anterior. Digo isto para me desculpar das possíveis críticas à repetição de algumas coisas já ditas na obra anterior.

Alguns, ou muitos, dos agradecimentos da *Organização e política exterior da UPG 1964-1986* também seriam válidos para esta obra, que complementa aquela, por isso não vou citar mais que Margarita Ledo, que voltei a entrevistar e com quem troquei uma série de correios eletrónicos.

Finalmente, o maior agradecimento é para a minha companheira Carmen, que tantas horas sacrificou para eu poder trabalhar. A ela também está dedicado este livro.



1 A UPG E PORTUGAL

1.1 ANTES DO 25 DE ABRIL

As relações da UPG com as organizações portuguesas antes do 25 de Abril eram escassas e difíceis; e, sobretudo, são poucos os testemunhos escritos que existem das mesmas. Entre estes, salienta-se o de Méndez Ferrín, no livro de conversas com Salgado e Casado, que falando das greves de 72, em Vigo (156-157) diz:

¿Pódese saber onde estiveches agachado?

Non, porque alí pódese volver en calquera momento. O mundo dá moitas voltas.

¿Realmente cres que eses tres meses foron os máis duros da túa vida?

¡Sen dúbida ningunha! Agás outras aventuras, aqueles tres meses foron horribles, sen falar nada máis que con quen había que falar e sabendo que aquilo ía traer aparelhado o exilio. Eu xa tiña preparado un posto de traballo, gracias ós nosos amigos portugueses da LUAR, porque daquela xa estábamos en contacto con xentes do PCP e coa LUAR.

Tíñanme, xa digo, preparado un posto de traballo como profesor na Universidade da Haia, onde estaba Antónío José Saraiva; eu tiña xa un pasaporte falso, tiña xa todo disposto para marchar...

Finalmente, a situación arranjou-se e Ferrín pòde reaparecer sem ter que ir para os Países Baixos. Como diz Ferrín, as relações com o PCP eram a título individual; as relações com a LUAR vinham de longe: quando, em maio de 1967, esta organização assaltou o Banco de Portugal, na Figueira da Foz, o seu líder, Inácio da Palma, teve que fugir do país; passou a fronteira pela Galiza e seria ajudado pela UPG numa operação que culminou com a sua passagem para a França, num carro conduzido

pelo militante anticolonialista francês Robert Davezies, um padre progressista que já fora encarcerado na França por ajudar o FLN, durante o processo independentista argelino.

Pelos anos 65 ou 66, a minha memória não me permite precisá-lo, tive vários contatos em Santiago com um estudante do Porto, membro da oposição, que me deu alguns documentos do movimento estudantil antissalazarista e uma cassete gravada com canções proibidas em Portugal, e lembro-me que entre elas figuravam algumas de José Afonso, nomeadamente *Os vampiros*. Graças à cassete, a voz do Zeca ouviu-se pela primeira vez em Santiago, em várias audições clandestinas, em casas particulares.

Estas relações eram muito esporádicas e assistemáticas, sendo a razão a falta de liberdade em ambos os estados, o que dificultava os contatos e uma fronteira que, contrariamente à hispano-francesa, não supunha que os antifascistas, de ambos os lados, conseguissem um refúgio ou uma base operativa. A situação mudaria radicalmente com a chegada do 25 de Abril.

Outro dos contatos existentes era o jornalista de esquerda José Viale Moutinho, sempre interessado pelas coisas da Galiza e que, logo em 1973, publica *Introdução ao nacionalismo galego*, em cujas páginas 24, 25 e 27 reproduz textos da UPG, apesar da censura caetanista.

1.2 A UPG e o 25 de Abril

No livro de Salgado e Casado, Ferrín continua a dar o seu testemunho (161-162):

En abril de 1974 estala a chamada “Revolución dos Caraveis” no país veciño, a revolución que remata coa dictadura en Portugal. ¿Como vivides ese acontecemento?

Cun entusiasmo desbordante. Pareceunos coma unha especie de regalo o ter aí, á outra banda do río, un lugar tranquilo onde ir para-los que foxen das gadoupas da dictadura. É un auténtico regalo, o regalo que sempre tiveron os vascos e os cataláns.

Lembro perfectamente que, aínda que estaba nese momento algo distanciada do propio partido, non ideoloxicamente senón practicamente, convocáronme a unha reunión coa UPG e escribín un saúdo ós xefes militares da Revolución portuguesa. Fómo-la primeira organización do Estado español, e coido que do mundo, que saudou ó golpe de Estado. E fixémoslo ó día seguinte, xa que esa mesma noite do 25 de abril, un camarada noso, o Brañas, saíu moi entusiasmado en coche para Portugal co documento de saúdo,

¿A quen llo levou?

Coido que a Corbacho, o Comandante militar do Norte que, por certo, a partir daquel momento sempre foi moi amigo noso. E ese texto publicouse en toda a prensa portuguesa. E, ó día seguinte, o 26 de abril, saíron comandos da UPG a facer pintadas en todo o norte de Portugal a favor da Revolución portuguesa; pintadas firmadas pola UPG que dicían: “Os galegos con Portugal” e “Galicia con Portugal”, cousa que lles agradou moitísimo.

E a partir daquel momento a UPG adicouse a espiar, a facer espionaxe en favor dos militares, de maneira que se pasaba información ó COPCON do tráfico do porto de Vigo; os estibadores apuntaban e informaban dos cargamentos sospeitosos de armas que levaban coma destino Portugal; informábaselles dos movementos dos PIDES aquí en Vigo e mesmo Otelos Saraiva de Carvalho fixera un plano de desembarco en helicóptero cun comando para apresar a un grupo de PIDES que estaba na rúa Torrecedeira, proxecto que caíu en mans da policía cando caíu Reboiras e o fronte armado nacionalista.

Suponho que Ferrín fala de memoria, já que a informação que, efetivamente, passava, não ia diretamente ao COPCON, não havendo contatos diretos. Contudo, julgo que se está a referir às personalidades de esquerda que a faziam seguir por outros lados e ao documento reproduzido no número de *Terra e Tempo* de maio de 1974. O documento não está dirigido apenas aos chefes militares da Revolução portuguesa. Todavía tem uma

curiosa presentación, pois, à esquerda, em letras de tipo especial, diz: *CARTA AO MOVIMENTO MILITAR*, seguida de uma chave, em letras de tipo normal, que diz:

Ao movimento militar

Aos partidos, correntes e personalidades democráticas de Portugal, representantes das camadas populares As organizações armadas antifascistas: LUAR, BRIGADAS REVOLUCIONARIAS e ARA

Seguia assim o corpo do documento:

A UNION DO POBO GALEGO, organización ao servicio da emancipación nacional e social de Galicia vive neste momento unha das esperencias mais fermosas da súa historia: o país fraternal que é Portugal ven de aniquilar ao fascismo e camiña cara a democracia.

Todo o pobo galego vibra de solidariedade i entusiasmo. Os muros das nosas aldeas e cidades cóbrense de letreiros nos que se lé ¡VIVA PORTUGAL!. Xamais a concencia da antiga unidade cultural galego portuguesa, foi tan lúcida no corazón das masas oprimidas da nación galega. Xamais o sentimento de que a vosa loita é a nosa loita foi tan fonda e cordialmente asumido dende o Miño até o cabo de Estaca de Bares.

E si a vosa liberdade é tamén a nosa liberdade, a UPG quere facer chegar ao Movimento Militar (que fixo posible a actual coxuntura co seu valor, o seu patriotismo i a súa impecabel técnica profesional) a testemuña da súa admiración e o desexo de que as persoas que participaron e participan nél se manteñan con firmeza no camiño que conduce á liberación do pobo portugués, liberación sin dúbida inseparable dos¹ da liberación dos territorios oprimidos de Angola, Mozambique e Guiné-Cabo-Verde. Os nosos millores sentimentos están co Movimento Militar.

E, si os intereses das camadas populares portuguesas son os intereses das camadas populares galegas, a UPG soli-

¹ Deve haver uma gralha em *Terra e Tempo*. A tradução francesa publicada em *Textes Politiques 1974-1975 série 1e* é mais clara: *cette libération sans aucune doute, est inséparable de la libération des territoires...*

darízase cos partidos, orgaizacións de masa, novos sindicatos obreiros, correntes e persoalidades democráticas que representan os intereses das camadas populares, e deséxalles un grande éxito histórico na batalla que agora comenza -no marco do novo réximen- contra os intereses do gran capital por tantos e tantos anos responsable da opresión inhumá do pobo.

Non hai dúbida de que os grandes capitalistas van intentar mover ás forzas políticas, sindicais e de masa, según as súas conveniencias. Nós facemos votos porque a vixilancia popular desbarate os seus manexos e a batalla política que está por vir dea a victoria final á grande alianza das camadas populares cuio fin estratéxico é unha verdadeira e limpa democracia para o pobo e non para encobrir aos oligarcas.

Por último a UPG desexa fondamente que as orgaizacións armadas LUAR, BRIGADAS REVOLUCIONARIAS e ARA, que deron un exemplo de eficiencia histórica a Europa (xunto con Euzkadi e Irlanda) e practicaron o principio de que a revolución pasa forzosamente pola boca do fusil, non esquezan a súa función e non eliminen as súas estruturas organizativas. Antes ben, reforzadas polo exemplo vivo de Indonesia, Chile e outros, sexan conscientes de que o gran capital e o imperialismo yanqui -cordialmente entrelazados xuntarán necesariamente a contrarrevolución, a destrución da democracia e do poder popular. Fraternalmente unidas contra o enemigo potencial, as orgaizacións armadas deberán preparar a eventualidade dunha reacción criminal do enemigo e salvar así o futuro luminoso de Portugal.

A UPG loita pola independencia² galega, pola democracia popular, polo socialismo e polo comunismo. E, na súa loita, vése hoxe confortada polos trunfos populares portugueses que nunca desexaría ver frustrados nin traicionados.

¡VIVA A UNIDADE DE GALICIA E PORTUGAL!

¡VIVA A DEMOCRACIA POPULAR!

² Este texto demonstra que em maio de 1974 já existiam declarações independentistas por parte da UPG.



UPG

POR UNHA GALICIA CEIBE E SOCIALISTA

LETTRE DIRIGEE PAR L'UNION DU PEUPLE GALICIEN EN MAI 1974 :

-- AU MOUVEMENT MILITAIRE
-- AUX PARTIS; COURANTS; PERSONNALITES DEMOCRATIQUES DU PORTUGAL; ET AUX REPRESENTANTS DES COUCHES POPULAIRES
-- AUX ORGANISATIONS ARMEES ANTIFASCISTES : LUAR, BRIGADES REVOLUCIONNAIRES ET ARA.

L'UNION DU PEUPLE GALICIEN (UPG), organisation qui lutte pour l'émancipation sociales et nationale du peuple galicien, vit en ce moment une des principales expériences de son histoire: le pays frère qu'est le Portugal vient d'éliminer le fascisme et se dirige vers la démocratie.

Tout le peuple galicien s'emplit de solidarité et d'enthousiasme. Les murs de nos villages et villes se recouvrent d'inscriptions comme : VIVE LE PORTUGAL! Jamais la conscience de l'ancienne unité culturelle galaico-portugaise n'a été aussi claire dans le cœur des masses opprimées de la nation galicienne. Jamais le sentiment de que votre lutte est aussi notre lutte n'a été aussi fort et solidairement assumé sur toute notre terre galicienne.

Et, si votre liberté est aussi notre liberté, l'UPG veut faire parvenir au Mouvement Militaire (qui a rendu possible la situation actuelle grâce à sa valeur, patriotisme et à sa parfaite technique professionnelle) le témoignage de son admiration et le désir que les personnes qui ont participé dans ce mouvement se maintiennent fermement dans le chemin qui mène à la libération du peuple portugais; cette libération sans aucun doute, est inséparable de la libération des territoires opprimés d'Angola, Mozambique et Guinée-Cap Vert. Nos meilleurs sentiments sont avec le Mouvement Militaire.

Et, si les intérêts des couches populaires portugaises sont les intérêts des couches populaires galiciennes, l'UPG se solidarise avec les partis, organisations de masses, nouveaux syndicats ouvriers, courants et personnalités démocratiques, qui représentent les intérêts des couches populaires, et nous leur souhaitons une grande victoire dans la bataille qui commence maintenant (dans le cadre du nouveau régime) contre les intérêts du grand capital, responsable pendant des années et des années de l'oppression inhumaine du peuple portugais.

Il n'y a aucun doute, que les capitalistes vont essayer de diriger les forces politiques, syndicales et de masses, en fonction de leurs intérêts. Nous en appelons à la vigilance populaire afin de détruire leurs visées, et, que la bataille politique qui doit arriver donne la victoire finale à la grande alliance des couches populaires, dont l'objectif stratégique est une démocratie nouvelle pour le peuple et non pas au service de l'oligarchie.

En dernier lieu, l'UPG désire entièrement que les organisations armées LUAR, BRIGADES REVOLUCIONNAIRES, ARA, qui ont donné l'exemple de leur efficacité historique à toute l'Europe (de pair avec l'Irlande et l'Euzkadi) et qui ont mis en pratique le fait que la révolution doit forcément passer par la bouche des fusils, n'oublient pas leur fonction historique, et n'éliminent pas leurs structures organisationnelles. Tout au contraire, instruites par les exemples vivants de l'Indonésie et du Chili, et par d'autres, elles doivent prendre conscience, que le grand capital et l'impérialisme USA (solidairement unis), se joindront à la contre-révolution, et viseront la destruction de la démocratie et du pouvoir populaire. Fraternellement unies contre l'ennemi existant, les organisations armées doivent se préparer à une éventuelle réaction criminelle de l'ennemi, et de la sorte, sauver le lumineux futur du Portugal.

L'UPG lutte pour l'indépendance de la Galice, pour la démocratie populaire, pour la socialisme, et pour le communisme. Et, dans sa lutte, elle se voit aujourd'hui fortifiée par les triomphes populaires portugais, que jamais nous n'aimerions voir frustrés ni trahis.

VIVE L'UNITE DE LA GALICE AVEC LE PORTUGAL!!! VIVE LA DEMOCRATIE POPULAIRE!!!

Salutations communistes et révolutionnaires.